

028:37

S 163

Ex 1

C92569122

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Universidade Federal de Pontes e Lacerda-MT

R.G. N.º 00114531

Data 07 / 03 / 05

() Compra (X) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A LEITURA NO ÂMBITO ESCOLAR

Gisele dos Santos Sales

Pontes e Lacerda – MT

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A LEITURA NO ÂMBITO ESCOLAR

Ensaio Monográfico apresentado para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Letras -
UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, tendo como orientadora a professora
Cleunice Maria de Andrade.

Agradeço, primeiramente a *DEUS*, Senhor de todo o universo, por conceder-me fé, esperança, luz e otimismo em todos momentos da minha vida e principalmente por mais esta vitória;

Aos meus pais: *LÊDA E LUÍZ*, que ensinaram-me a ter convicção em tudo que faço. E às minhas irmãs *GISLAINE E GEISA* que estiveram sempre presentes nos momentos que mais precisei;

Aos meus amigos de curso, em especial à *JEICIMARY* e à *MARLI* que, sempre auxiliaram e incentivaram-me nos momentos de fraqueza;

Aos *PROFESSORES*, que, com boas instruções direcionaram-me para o caminho da sabedoria;

À professora *CLEUNICE*, que com muita dedicação e boa vontade orientou-me na elaboração deste ensaio monográfico;

A todos que de forma direta ou indiretamente auxiliaram-me, o meu muito obrigada.

Gisele

*Dedico este trabalho ao meu filho
LEONARDO, riqueza da minha vida, que logo ao
nascer sentiu minha falta e eu com um grande
aperto no coração deixei-o muitas vezes sem o
carinho materno necessário.*

*Ao meu ESPOSO, que soube compreender
com muito amor e carinho todos os meus anseios,
estimulando-me a conquistar mais este ideal.*

(...) o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhecendo a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

Apresentação	7
Um pouco da teoria.....	8
A constituição do <i>corpus</i>	12
A prática do ato de ler.....	13
Considerações finais	18
Bibliografia	19
Anexo A	20
Anexo B	22

APRESENTAÇÃO

A proposta deste ensaio monográfico é explicitar a importância da leitura para a vida do ser humano.

Um dos motivos que levaram-nos a pesquisar sobre esse assunto, foi a idéia de que os erros ortográficos provém do não aperfeiçoamento da leitura e que a mesma não está sendo valorizada em sala de aula. É nesse aspecto que estaremos apresentando noções de como trabalhar a leitura em sala de aula, com o intuito de contribuir com os professores e pessoas interessadas no assunto, com o objetivo de proporcionar uma melhor prática da leitura com os alunos.

Para estruturar a proposta aqui apresentada, estaremos discorrendo sobre o que é a leitura, a partir das concepções relatadas pelos teóricos Ângela Kleiman, Eni Pulcinelli Orlandi, Luís Carlos Cagliari, Maria Helena Martins e Paulo Freire.

Para exemplificarmos mais detalhadamente o nosso objeto de estudo, apresentaremos os dados de uma pesquisa coletados na Escola Municipal "Getúlio Vargas" de Nova Lacerda, com alunos e professores pertencentes ao Ensino Fundamental.

Os dados que embasaram esse ensaio constam em anexos para maior facilidade de observação. No anexo A constam as respostas dos professores e no anexo B as respostas dos alunos.

UM POUCO DA TEORIA

Falar sobre leitura é percorrer um longo caminho com destino à reflexão. Reflexão essa que envolve muitos aspectos, pois, sem dúvida, a palavra "leitura" gera muitas discussões pelo fato de ser algo essencial para a vida de todos.

Tais discussões ocorrem com mais frequência entre professores da Língua Portuguesa, que na maioria das vezes, não sabem o que fazer em sala de aula com alunos que têm dificuldades para o ato de ler.

Sabemos que o termo leitura é muito complexo. Assim, mencionaremos a concepção de alguns estudiosos sobre o tema em estudo.

Para Maria Helena Martins, *o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. (MARTINS, 1994:7)*

Nesse sentido há uma percepção de que a escrita e o ato de ler estão relacionados, e com isso surgem muitas dúvidas, pois como diz Martins *bastará porém decifrar palavras para acontecer a leitura? (MARTINS, 1994:7)*

Na prática o que acontece é que alguns alunos não conseguem memorizar a escrita durante o ato de ler, isso porque eles decodificam as palavras e não conseguem encontrar sentido no que estão lendo.

Esses sentidos variam muito de leitor para leitor, Martins afirma que *aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele. (MARTINS, 1994: 15)*

Segundo essa concepção, para se fazer uma boa leitura é preciso que o leitor não fique restrito, ou seja, preso ao que está escrito no papel, e sim que ele vá adiante, e procure fazer uma associação com seu cotidiano, através de uma busca infinita.

Com frequência nos contentamos, por economia ou preguiça em ler superficialmente, "passar os olhos", como se diz. Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gesto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia, uma necessidade nossa. (MARTINS, 1994: 9)

Fica nítido na concepção de Martins que o leitor relaciona-se com aquilo que está lendo, isto é, às coisas de seu contexto pessoal. Assim, ele fica

acomodado lendo apenas o que o interessa. Paulo Freire relata que *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.* (FREIRE in Martins, 1994:10)

Em consonância com Martins Eni P. Orlandi reforça a questão dos sentidos que existem na leitura e cita que:

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, 2000:9)

Percebemos a partir disso que, a leitura como já dissemos, envolve muitos aspectos, ou seja, todo o contexto pessoal do leitor: no trabalho, na escola, em casa, é a sua "historicidade" que faz parte desse momento de reflexão e de produção.

Orlandi retrata claramente esse processo que o leitor passa durante o ato de ler, quando diz que:

(...) a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade textual, da sua realidade significativa. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo. Processo que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real. (ORLANDI, 2000:10)

De acordo com o pressuposto acima para se fazer uma boa leitura é preciso que o leitor goste de ler, ou que aprenda a gostar, e isso pode ser feito através do incentivo de um orientador. Cremos que desse modo ele possa encontrar sentidos na sua leitura e assim sentir prazer durante o ato de ler.

Bellenger (in Kleiman, 1998: 15), explicita essa questão de se ler prazerosamente:

(...) ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do

imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.

Diante disso, vemos que o ato de ler é algo extremamente bom e para que se isso se torne melhor é preciso que o leitor busque sempre ler mais, crie o hábito da leitura, isso porque dessa forma o leitor estará contribuindo para que sua leitura seja mais significativa e conseqüentemente mais prazerosa.

Kleiman aborda sobre esses significados que o leitor constrói ao longo de suas experiências:

A leitura é no entanto (...): os elementos relevantes ou representativos os que contam, em função do significado do texto, a experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor. (KLEIMAN, 1998:23)

Nesta perspectiva, Luís Carlos Cagliari, reforça que *a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita, como já disse inúmeras vezes, é a leitura. (CAGLIARI, 1997:149)*

Também para esse autor a leitura e a escrita são interdependentes, ou seja, a boa leitura facilita a escrita. Freire afirma que *o ato de ler implica sempre percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do lido. (FREIRE, 1997:21)*

E, é neste percurso que Orlandi evidencia que *as coisas se tornam tais através da escrita. Quando lemos aquilo que não era passa a ser. (ORLANDI, 1998:91)* Para que isso aconteça, Orlandi ressalta que o leitor têm que saber distinguir o valor da escrita e da oralidade. Com isso, ela reforça a questão da *percepção crítica e da interpretação* de que Freire citou anteriormente.

Cagliari expõe que:

A leitura deve variar de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma

narrativa. A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da que exigem o segundo e o terceiro. (CAGLIARI, 1997:172)

Por essa razão, o leitor necessita ter uma grande observação no ato de ler, ou seja, ele precisa interagir-se com a leitura que está fazendo.

No entanto, Orlandi diz que:

A leitura é produção de sentido por e para sujeitos. É preciso, pois que lembremos que a "não-leitura" pode ser entendida como um movimento de resistência e de afirmação de identidade. (ORLANDI, 1998:103)

Neste momento, fica claro que o leitor precisa construir sua identidade no momento da leitura, isto é, ele precisa deixar-se levar por esse momento de reflexão.

A partir de todas concepções apresentadas, percebemos que a leitura engloba muitos aspectos, desde a escrita ao momento de reflexão, de interiorização, de percepção e que com ela o leitor só encontra benefícios que se constroem a cada dia mais e mais.

A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Com o objetivo de descobrir quais as falhas que implicam nas dificuldades do ato de ler fizemos uma pesquisa com seis alunos e dois professores do Ensino Fundamental, mais precisamente das 5ª e 7ª séries, envolvendo questões relacionadas ao tema em questão.

Contribuíram para essa pesquisa, alunos e professores pertencentes à Escola Municipal Getúlio Vargas, situada no município de Nova Lacerda-MT.

Vale salientar que elaboramos questionários diferenciados para os docentes e discentes envolvidos na referida pesquisa. Para identificação na análise usaremos a letra Y para o professor da 5ª série e os números 1, 2 e 3 para seus alunos e a letra X para o professor da 7ª série e A, B e C para seus alunos.

Na coleta das respostas tanto dos professores quanto dos alunos fizemos as perguntas diretamente para os entrevistados e transcrevemo-nas conforme foram ditas pelos mesmos.

Baseados nos pressupostos teóricos dos autores citados, analisaremos os dados a seguir.

A PRÁTICA DO ATO DE LER

Num ambiente de sala de aula o professor atua como um orientador dos alunos, propõe instruções para que eles façam uma boa leitura e que busquem além da escrita. No entanto, quem determina realmente a aquisição de conhecimentos é o próprio aluno, o qual precisa ler, observar, refletir, pesquisar.

Assim, cabe então ao professor enquanto orientador, ter consciência da importância do que ele irá definir aos alunos como *boa leitura* ou *boa aprendizagem*, já que essa definição ficará implícita no educando.

Kleiman ressalta o valor dessas orientações com a seguinte afirmação:

Ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.
(KLEIMAN, 1998:10)

Como percebemos, durante o ato de ler, colocamos em prática tudo que aprendemos enquanto criança e é por isso que os professores precisam perceber ou procurar descobrir quais são os valores de cada aluno e procurar criar condições para cada tipo de leitor.

Só que na maioria das vezes não é isso que acontece, citaremos como exemplo desse a resposta do professor X quando na pergunta número 4, ele diz *trabalho com livros literários, infanto - juvenil e Literatura em Minha Casa*. Conseqüentemente os alunos A, B e C, responderam na questão número 4, direcionada aos alunos, que *fazemos leitura de livros didáticos como história e geografia*, apenas o aluno B disse que usa o *livro de português* e todos três responderam que lêem *gibis* em casa.

De acordo com as afirmações dos alunos vemos que o professor X não utiliza livros que os alunos gostam de ler, ele apenas usa os livros disponíveis na escola. Isso posto revela que o professor fica restrito ao sistema de valores da escola quando poderia buscar mais opções para seus alunos.

Alguns professores (não só professores) criticam a leitura de gibis e outras historinhas em sala de aula, no entanto, sabemos que ler gibis também é um tipo de leitura como qualquer outra.

Nesse âmbito Cagliari reforça que:

Às vezes a escola, baseada em preconceitos dos mais diversos tipos, costuma censurar esse tipo de leitura. Uma coisa é selecionar textos que interessam aos alunos, outra é proibir a priori a leitura de qualquer revista em quadrinhos, fotonovelas, etc. (CAGLIARI, 1997:179)

Kleiman, em consonância com Cagliari relata que:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 1998:16)

Isso não quer dizer que os alunos não tenham condições de extrair sentidos na leitura, assim como o professor encontra sentidos num tipo de leitura de sua preferência, os alunos também encontram nas suas leituras prediletas. Para que isso aconteça é preciso que o professor elabore práticas motivadoras de leitura, ou seja, algo que chame a atenção dos alunos para que eles aprendam a gostar de ler.

No caso do professor Y, ao responder a mesma pergunta citada anteriormente, demonstrou ser mais dinâmico, ele diz assim: *utilizo revistas, textos que trazem os assuntos da realidade como: política, adolescência, drogas, (...)*. Com isso ele mostrou que fala sobre temas atuais com seus alunos.

Ao mesmo tempo, podemos observar que ele se contradiz ao que respondeu, pois na resposta à pergunta número 1, relata que *para incentivar os alunos teríamos que ter variedades de materiais, para que o aluno pudesse escolher sua leitura, infelizmente essa não é a realidade de nossa escola..*

Dessa forma fica evidente a realidade presente em algumas escolas da nossa sociedade, que não criam possibilidades para que o professor disponha de bons materiais.

Uma outra questão que acontece nas escolas, conforme Orlandi diz é que:

(...) a escola se coloca como se o aluno não tivesse já instalado um processo de aprendizagem e ao propor, dentro de suas perspectivas e funções, um método de ensino,

Com isso notamos que o professor Y tem consciência de que o aluno precisa de tranquilidade, silêncio para ter seu momento de reflexão, mas não tem como proporcionar isto a ele, pois a escola não oferece esse espaço físico para a realização do trabalho. Sabemos que essa falta de tranquilidade é um fator muito prejudicial ao aprendizado dos alunos, isso porque nem todos os alunos têm o mesmo ritmo para o aprendizado, ou seja, às vezes os ruídos exteriores dificultam a concentração de alguns alunos na leitura.

Ainda em relação à questão da aprendizagem da leitura, podemos perceber o quanto o aluno é *moldado* pelo sistema escolar. Isso fica mais evidente a partir das respostas dos alunos 1 e 3 na questão número 5, quando dizem que para incentivar mais a leitura em sala de aula o professor precisa:

Dar um texto e fazer perguntas para responder. (aluno 1)

Fazer leitura todos os dias dos livros didáticos. (aluno 3)

Certamente é isto o que eles fazem rotineiramente, mas como é algo determinado pelo professor acham que com a realização das referidas ações aprenderão melhor. Não queremos afirmar que isso está errado, mas apenas reforçar a questão da busca de outros conhecimentos.

Apenas o aluno número 2 respondeu que os professores deveriam *mudar os livros para gibis, revistas (...)*. Isto mostra que ele quer saber mais sobre outros tipos de leitura que o professor não aplica em sala de aula, e que, às vezes, tenta expor mas é taxado como Cagliari citou anteriormente que *às vezes a escola, baseada em preconceitos dos mais diversos tipos costuma censurar esse tipo de leitura (...)*. (CAGLIARI, 1997:179)

A partir dos pontos abordados vimos o quanto a leitura é essencial na vida do aluno e das pessoas em geral e que há várias circunstâncias para a realização da mesma, pois não é só na escola que o aluno pode apoderar dos conhecimentos obtidos através do ato de ler. Dessa forma, fica ressaltado o grande valor dessa aprendizagem que a criança levará como conhecimento que enriquecerá e facilitará seu relacionamento com a sociedade. Nesta perspectiva Cagliari (1997:173), relembra ao professor o privilégio que a leitura precisa ter na sala de aula e afirma que:

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para qual a professora e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia

de retornar aos problemas de escrita, julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos (...); no entanto a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola.

Nesse conceito, o que percebemos é que ao invés de deixar o aluno conhecer as letras ou palavras através da leitura, o professor se preocupa mais se ele escreve certo ou errado. Mas do que adianta o aluno escrever corretamente, conforme as normas gramaticais e depois não saber ler o que escreveu?

É nesse aspecto que Orlandi relata com veemência que:

A escola no entanto, evita, escrupulosamente incluir em sua reflexão metodológica e em sua prática pedagógica a consideração de outras formas de linguagem que não a verbal e, no âmbito dessa, dá mais valor `a escrita que à oralidade. (...) não se trata da capacidade de compreensão do aluno e, no interior desta, da sua capacidade de compreender textos escritos. (ORLANDI, 2000:38)

Citaremos as respostas dos alunos 1,2 e 3, quando perguntamos a eles que tipo de leitura eles fazem na escola (questão número 4) e eles responderam que lêem *textos, livros na biblioteca para fazer resumos (...)* Conforme Orlandi e Cagliari, quando o professor pede aos alunos que leiam textos e façam resumos ele não está incentivando, ou melhor, privilegiando a compreensão da leitura e sim a escrita, pois os alunos dessa forma se esforçam para escrever bem o que entenderam do texto e não se leram bem as palavras (frases) que ali aparecem e compreenderem o sentido que essas palavras desempenham no contexto.

Diante dos dados analisados temos uma percepção de como o tema abordado exige muita compreensão, dedicação, instrução e de como os recursos e condições propícias facilitam a aprendizagem. Como vimos, nas respostas dos alunos e professores, há muitas contradições que podem ser resolvidas, pois são problemas gerados devido às circunstâncias a que são submetidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudarmos as teorias aqui apresentadas pelos estudiosos, tivemos uma noção do que é a leitura, quais seus objetivos e contribuições. A partir daí vimos que ela é muito significativa para o ser humano.

Infelizmente, às vezes, não é dado a ela seu devido valor. Assim, seu estudo fica em segundo plano quando deveria ser privilegiado por todos.

Através dos dados analisados, pudemos perceber alguns desvios, por parte dos professores como a falta de dedicação referente à leitura; o não proporcionamento de momentos para a reflexão dos alunos e também de materiais (livros) de que os alunos gostam e a não valorização não só dos professores como também da escola, quanto ao sistema de valores dos alunos. Há também uma acomodação dos alunos quanto ao ato de ler, que pode estar relacionada a estes desvios, entre outros.

Esses desvios acontecem normalmente não só pelo fato dos professores e alunos não se dedicarem, mas também como relatamos por não terem uma contribuição da escola para o melhoramento dessa atividade considerada essencial para a vida de todos.

Diante do exposto, fica claro que não devemos julgar os atos dos professores e alunos sem antes diagnosticarmos quais as falhas que provocam tais atos. E, com isso o que devemos fazer é lutar para garantir a melhora do estudo da leitura, auxiliar sempre que for possível e procurar não repetir as mesmas falhas a que temos conhecimento.

Dessa maneira estaremos contribuindo não só com as pessoas à nossa volta, mas sim com a sociedade em geral, e, automaticamente conosco mesmos, pois como relatamos anteriormente, a leitura é uma busca infinita e a tendência de quem lê sempre é só melhorar a cada dia.

BIBLIOGRAFIA

CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 35 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ANEXO A

PERGUNTAS

- 1) Na sua opinião, o que mais incentiva a leitura nos alunos?
- 2) Como você trabalha a leitura em suas aulas?
- 3) Que procedimento você toma quando percebe que um determinado aluno não gosta de ler ou tem dificuldades para realizar tal tarefa?
- 4) Que tipo de leitura você mais trabalha em suas aulas?
- 5) A que você atribui as dificuldades dos alunos em relação à leitura?
- 6) Outras Considerações que julgar necessárias.

RESPOSTAS

PROFESSOR X:

- 1) São textos que tem algo, alguma coisa que lhe dizem respeito, do seu dia-a-dia, da sua família...
- 2) Individual e coletiva.
- 3) Converso com o aluno e procuro fazer uma leitura individual com o aluno que apresenta dificuldade.
- 4) Livros literários, infanto-juvenis e literatura em minha casa.
- 5) Em relação à leitura refere-se às sílabas complexas. Porque não foram bem trabalhadas essas sílabas, essas palavras complexas.

- 6) Existir muita leitura, que seja livros didáticos, livros literários, jornais, revistas, não importa. O importante é existir a leitura de todos os meios possíveis.

PROFESSOR Y:

- 1) Eu acho que para incentivar o aluno a ler, teríamos que ter variedades de materiais, para que o aluno pudesse escolher sua leitura, infelizmente essa não é a realidade da nossa escola.
- 2) Individual e em grupos.
- 3) Quando ele não gosta eu procuro conversar com ele tentando incentivá-lo. Se ele tem dificuldades trabalho com ele individualmente quando possível.
- 4) Revistas, textos que trazem os assuntos da realidade como política, adolescência, drogas, etc., e os livros que temos na biblioteca, leitura em minha casa por exemplo.
- 5) Um pouco da dificuldade dos alunos eu atribuo ao fato do mesmo não ter o hábito com a leitura, pois nossos alunos em sua maioria só têm livros na escola, e o que tem já estão ultrapassados porque todos os professores trabalham com os mesmos livros então eles enjoam, os livros já não chamam atenção, e para se ter prazer na leitura é preciso também um lugar adequado, arejado, tranquilo, e na nossa escola isto é impossível!

ANEXO B

PERGUNTAS

- 1) Você gosta de ler? Por quê?
- 2) Que tipo de livros ou revistas você mais gosta de ler? Por quê?
- 3) Você tem dificuldades para ler? Por quê?
- 4) Que leituras você mais faz na escola? E na sua casa?
- 5) O que você acha que o professor precisa fazer para incentivar mais a leitura na sala de aula?

RESPOSTAS

ALUNO A:

- 1) Gosto, porque ler é um exercício e aprendo muita coisa.
- 2) Livros que contam histórias da humanidade, gibis. Porque gibis tem muitas histórias legais.
- 3) Não, porque eu faço bastante leitura.
- 4) Livros didáticos como História e Geografia.
- 5) Fazer debates, porque o professor só faz debates de História e Geografia.

ALUNO B:

- 1) Gosto, porque ler aperfeiçoa mais a leitura e aprende novas coisas.

- 2) Revistas e gibis. Nas revistas tem muitas coisas reais e interessantes e nos gibis porque são comédias.
- 3) Tenho um pouco, porque eu leio muito rápido.
- 4) Livros didáticos: português, História e Geografia. Em casa eu leio gibis.
- 5) Fazer debates e passar gibis porque todo mundo se interessa mais.

ALUNO C:

- 1) Sim, porque a leitura aperfeiçoa mais a própria leitura e incentiva o interesse pela leitura.
- 2) Livros de Monteiro Lobato, livros sobre o mundo e um pouco de gibis.
- 3) Não, tenho muita facilidade.
- 4) Livros didáticos como de história e geografia e em casa livro de historinhas.
- 5) Debates entre meninos e meninas, incentivando uma competição, assim todo mundo se esforça.

ALUNO 1:

- 1) Gosto, porque distrai e melhora a alfabetização.
- 2) Livros com bastante contos, folclore, Geografia, Português. É mais animado.
- 3) Não. Aprendi a ler na 1ª série.

- 4) Textos, livros de historinhas. Não leio em casa, gosto mais de passear.
- 5) Dar um texto e fazer perguntas para responder.

ALUNO 2:

- 1) Gosto, porque ler distrai e aprende mais sobre as coisas do mundo.
- 2) Revistas, porque é mais interessante.
- 3) Não, só na 1ª série quando estava aprendendo a ler.
- 4) Livros na biblioteca e fazer resumos de textos. Não faço leitura em casa (não gosto), prefiro passear.
- 5) Mudar os livros para gibis, revistas...

ALUNO 3:

- 1) Sim, porque ler é um divertimento e aprende mais.
- 2) Gibis, turma da Mônica, porque é legal e tem figuras.
- 3) Não, porque eu sempre leio em casa.
- 4) Texto, em casa eu leio livro de geografia e de português, porque são mais interessantes.
- 5) Fazer leituras todos os dias dos livros didáticos.